

## DE UMA "CARTA POLÍTICA", DE SILVA JARDIM (1889)

Silva Jardim (1860-1891) foi certamente o mais "popular" dos propagandistas da República, aquele que, mais que qualquer outro, soube dirigir-se ao povo. Enquanto na sua maior parte os "históricos" aproveitavam as oportunidades de congressos ou convenções para a exposição de suas mensagens, Silva Jardim preferia a via direta dos comícios populares ("meetings"), numa linguagem menos doutrinária, menos teórica, mas mais convincente e até abusiva muitas vezes na crítica que fazia impiedosamente às instituições monárquicas. Deste comportamento de Silva Jardim, deu conta, magnificamente, a Professora Maria Lúcia de Souza Rangel Ricci em **Ação e pensamento em Silva Jardim** (1987), originalmente publicado em o nº 125 desta "Notícia Bibliográfica", e, depois, tirado em livro. Boa parte do que o grande republicano escreveu encontra-se reunida no volume publicado em 1978 por Barbosa Lima Sobrinho. De seus escritos, escolhemos um trecho da **Carta política**, datada de 5 de janeiro de 1889. Sobre esta peça, escreveu a Professora Maria Lúcia Rangel Ricci em seu citado livro: "Em verdade, quer nos parecer que esta Carta Política, destinada ao público e aos seus correligionários em geral, é o mais autêntico manifesto da personalidade de Silva Jardim, dentro do seu lema fundamental, 'Vencer ou morrer!' pela causa republicana já que aí demonstrava todo o valor que dava à integridade da terra, de seus filhos, o horror ao despotismo, enfim o espírito de liberdade civil e política no sentido de defender as gloriosas tradições pátrias, a verdade, a razão, a justiça, a causa da família, da humanidade" (p. 47).

\*

(...)

A República torna-se, então, para nossa honra eterna, e para nossa salvação única, a grande fatalidade: é a República que é urgente instituir, é a República que é urgente proclamar: morrendo, se for preciso: morrendo para fazê-la viver. É mister continuar esse belo movimento geral de reação contra a monarquia, isto é, se for preciso, contra uma vida muito longa e cada vez mais inútil, cuja insânia já é perturbadora; mas, e principalmente, contra o soldado mercenário que nos quer empolgar a Pátria; é mister, no dia da abdicação ou da morte do Imperador moribundo, exigir de Isabel a demissão ou a deposição: do usurpador o exílio, ou a execução, no caso de resistência, e arma contra nós, para tranqüilidade perpétua da América e do Brasil, e exemplo a príncipes perturbadores da paz dos Estados.

Porque à Nação brasileira não cabe hoje outro recurso senão **vencer ou morrer!** Para ela, ao lado do grito de **Viva a República!** deve existir bem alto este outro de **A República ou a morte!**, que eu ouvi no seio da multidão da capital de São Paulo. Porque a nação brasileira pede Reformas e a monarquia é incapaz de decretá-las; e quando não vem a reforma, que é a revolução governamental, é mister que se faça a Revolução, que é a reforma popular!

E a Revolução é um dever excepcional, e uma garantia suprema, impossível de ser de todo banida do organismo social, bem como a moléstia do organismo físico. A ciência não exclui, porque paz não quer dizer indiferença, ordem não quer dizer apatia, fraternidade não quer dizer impudor perante as afrontas: a violência é digna, a violência é justa, a violência é também santa: só os fracos não se indignam, só os nulos não se revoltam, só os covardes não respondem à violência, que é insulto, com a violência que é um castigo!

A Revolução brasileira está destinada à cidade do Rio de Janeiro, Paris da América, Londres da América do Sul, à cidade composta de tantos elementos que a República tornará cada vez mais unidos em torno da Pátria, cabe a grande operação de reconstrução nacional, para o que basta no seu fundo de tranqüilidade aparente remover a soma de elementos de enérgica indignação revolucionária. Que os leões do centro, São Paulo e Minas, respondam aos rugidos ferozes do leão do extremo sul, o Rio Grande, e do Norte, Pernambuco, e ao sibilar das suas jubas a correrem a atmosfera pátria, num belo horrível de medonho tufão da véspera da manhã sagrada, a República surgirá grandiosa no horizonte da Nação brasileira, à luz augusta da União Americana!

E a Revolução brasileira deve estalar pujante e vitoriosa em torno dos paços ministeriais e do palácio de São Cristóvão no ano de 1889. Não além! Se muito além, quem sabe se não seremos perdidos? ! O castelo fluminense deve cair no ano excepcional em que caiu no pó dos tempos a fortaleza de Paris!

Não além! Para nós, como para toda a humanidade, este ano solene é de bom agouro para a liberdade. Não sei que espírito de ligação existe entre o grande povo central e o nosso povo extraordinário, a minha pátria amada, que estou certo será a presidente da América e em breve o refúgio dos sedentos da justiça, não o berço, a residência augusta da liberdade no mundo! Ao 1789 francês mostramos que eram já nossos também os resultados do progresso ocidental, e apresentamos à República que aureoava a cabeça de Tiradentes em bendito holocausto; ao 1830, na Revolução de Julho, oferecemos o banimento do déspota e do devasso, e o baquear da tirania; ao 1848, com Luís Felipe! o avô do expatriado! o corpo de Nunes Machado banhado em sangue perante os muros da Veneza Columbiana; ao 1870, ascensão da república e queda do mesquinho des-

cedente do déspota maldito, o reerguer-se do Partido Republicano. O' povo francês, que à explosão da luz do centenário de tua Revolução adorada instituas a tua paz inabalável na Europa; o' nação brasileira! que a essa paz bendita respondas com a última de tuas guerras: a guerra aos teus assassinos, a guerra ao teu trono, rebente a tua revolução e instituas e proclames a República.

Assim seja. Assim será. O ano de 1889 vai ser para o Brasil o ano excepcional. À longa corrupção do segundo reinado, sucessora da tirania do primeiro, o interregno juntou a imprevidência política levada à provocação. Já se deu na cidade do Rio de Janeiro o primeiro conflito sobre a forma de governo: monarquistas, quer dizer governamentais, já foram derrotados pelos republicanos. Não, o governo só interveio, quando viu ser grande o estrago nos que fizera seus. A crise agrícola é cada vez maior; a crise operária é grande, e revela-se a crise comercial. Que recursos teria a terra isolada para matar a fome, ou a necessidade urgente não satisfeita? Nenhum. Será dado por supor que a conservação da vida fortemente ferida se dirija ao trabalho despreparado para viver? Não o creio; e sim que produzirá a irritação terrível que levará, no seu rebentar medonho, reis e tronos, ministros e princesas!

(...)

E então, para a revolução triunfadora, ou para a revolta que lave de desonra a bandeira do Tiradentes, é mister preparar elementos fortíssimos, que lhe dirijam a iniciativa e lhe determinem a ação. Tornadas impossíveis na grande cidade as fortes organizações partidárias e produzidos os grupos aguerridos que se dispõem a formais combates, não é de lamentar, antes de desejar, a ausência dos velhos vexilários, da campanha ativa, tomada a direção das lutas populares perigosas, ou das propagandas intelectuais pacíficas, pelos organismos moços, mais frescos, e preparados para a morte, por uma maior soma de força de vida, e mais adaptados às necessidades do momento, mais produtos do meio atual, da revolução brasileira, mais industriados nas descobertas da ciência política teórica, embora menos experientes dos erros e das mazelas do regime da corrupção monárquica. E para que o grande movimento provinciano se não perca por falta de concentração de esforços, já que pela avançada e enferma idade o velho chefe da democracia brasileira não tem vigor para a presidência da ação revolucionária, já que a tarefa de escritor ocupa o ilustre publicista que é um nome na sucessão do espírito republicano, pela organização do partido nacional em 1870; já que a moléstia impede ao esclarecido advogado de intervir no combate contínuo, e o retraimento filosófico tira a outro escritor ativo a iniciativa política; já que os homens do partido nacional, os mais preparados pelas circunstâncias de todo o gênero, estão por laços difíceis de quebrar, presos às províncias: como sejam o escritor e político notável que em São Paulo é uma alma de vidente, os dois chefes de ação

que são o nó de todo o desenvolvimento partidário paulista, as duas cabeças de pensadores e de orador que no Rio Grande do Sul reavivaram a alma patriótica, as duas organizações, de magistrado notável e de mancebo ilustre que no Norte derramam a fé republicana — já que, como estes, pela confissão própria, tantos outros estão na impossibilidade de se colocar à frente do movimento urgente, contínuo, na Capital do Império, me vou eu — declaro-o, com toda a lealdade e franqueza, sob responsabilidade individual, que só o assentimento tácito ou expresso a esta carta política fará coletiva, envidar todos os esforços para organizar o quanto possível a nossa defesa aos ataques de todo gênero de corrupção monárquica, e continuar o ataque teórico a todos quantos se empenharem na ingrata tarefa de bater a idéia republicana; ou ainda, porventura, com o auxílio do povo brasileiro, com o conselho constantemente solicitado, dos mais esclarecidos correligionários da cidade do Rio de Janeiro e das províncias, organizar mesmo o ataque formal em todos os terrenos contra a monarquia, para o qual, se não tenho as qualidades de chefe, sinto não me faltar a principal para um soldado: a disposição de quem não deseja morrer, mas de quem não tem absolutamente medo de morrer.

Para uma tal operação, desde este momento começo a pedir aos meus correligionários de todos os pontos do país o auxílio de toda a espécie; o auxílio das dedicações intelectuais, dos sacrifícios morais e dos socorros práticos, de capital e de força, sempre que necessário for. Não aspiro senão o que me indica o meu patriotismo e o meu desejo ardente de não ver abortado de modo algum um tão belo movimento, para o qual tão ativamente tenho operado e cuja iniciativa em muita parte me cabe também; e o que me indica a minha dignidade pessoal, que não pode ser sacrificada pela impossibilidade imaginável de prosseguir, por ausência de forças existentes e que é urgente reunir; e ainda, e conseqüentemente, o que me indicava até a minha conservação e aproveitamento individual, como muito necessários à minha família e um pouco à minha causa e à minha Pátria.

São bem conhecidas as minhas idéias políticas, os meus serviços partidários, e os meus processos de teoria e de ação para o cargo modesto, espontâneo e provisório, que o conjunto das circunstâncias coletivas e pessoais me manda desejar; e que não é mais que o prolongamento do que espontaneamente fazia; o que não significa divergências, lutas ou ressentimentos, nem dá direito a suposições menos compatíveis com o meu proceder de sempre, nem lugar a nenhum despertar de má vontade e que o todo desta carta política ao País e ao Partido Republicano procurou de longe e propositalmente justificar.

Antes significa o meu desejo inabalável de trabalhar pela causa comum, o meu respeito a compromisso tanta vez tomado diante de multidões amigas, ou de companheiros por mais de um título eminentes — de

não parar na propaganda republicana enquanto não for destruída a monarquia, que é a infelicidade do Brasil e a desarmonia da América, e não parar mesmo diante da instituição da nova Pátria, porque será preciso talvez ser então um dos que falem ao povo a verdade inteira, para a admoestação na obediência ao novo regimen, ou para a advertência aos erros de que ele for capaz, na contingência da fraqueza humana.

Essa função realizá-la-ei, pugnando pela República Brasileira, estabelecida, conforme a bela explanação do Manifesto do Partido Republicano de Pernambuco, com a mais completa descentralização administrativa, organizada a legislação de acordo com as conveniências das diversas porções territoriais da Pátria; sem a plena liberdade espiritual, pela liberdade religiosa, com a separação da Igreja e do Estado, as instituições civis de nascimento, casamento e morte, a plena liberdade de exposição e de discussão, a reforma do ensino official, a verdadeira liberdade do ensino, e o derramamento do ensino primário; com o desenvolvimento da indústria, e das indústrias, pela nobilitação de todo o trabalho; com um melhor sistema de divisão territorial; de administração, de representação, limitadas as forças territorial; de administração, de representação, limitadas as forças anárquicas do parlamentarismo, de legislação, pela sua harmonia com os costumes, de codificação civil, de política internacional, fixa a paz pelo arbitramento. Julgando um erro a separação do Brasil no momento actual, embora aceite o princípio científico de que a Humanidade atingirá remotamente à formação das pequenas pátrias, aceitando a República Brasileira, sinto contudo que, como republicano, minha ação estaria com o canto de terra nacional, que, qualquer que fosse, não encontrando o apoio de suas irmãs, se batesse pela República. Pugno pelo desenvolvimento da simpatia para com todo o proletário, especialmente pelo preto, como o mais infelicitado; julgo inúteis e impraticáveis todas as leis coercitivas do trabalho, mas procuro muito a harmonia do trabalhador e do proprietário, para desenvolvimento da fortuna pública concentrada nas mãos deste, e para a elevação e bem-estar daquele. Continuo a pensar que a abolição da escravidão foi um ato tardio, e ao mesmo tempo violento, julgando que a Monarquia fez um bem, mas traiu a lavoura; justificando muito o seu afastamento do trono, não como filho de um despeito egoista, e sim da dignidade pessoal ofendida, e do desgosto de uma perturbação econômica inesperada, que a monarquia não soube evitar; mas não aconselho aos meus correligionários lavradores que solicitem a indenização pelos escravizados, porque não creio comportarem-na as condições de uma miséria a que a monarquia reduziu o Tesouro Público, e estou de que essa indenização sairia do cofre da mesma lavoura, por certo maior soma de impostos, e julgo que o coração do lavrador é capaz de abnegação que desejo; da mesma sorte que não aconselho a imigração chinesa, não por ódio aos chins, pois é grande o seu valor, mas por amor aos brasileiros, cuja unidade moral pode ficar perturbada com os elementos de uma civilização totalmente diversa; — pro-

curando sempre combinar a ordem com o progresso, a liberdade e a fraternidade, para obter o governo da sociarquia, da opinião pública, único compatível com a sociocracia — a República.

**(Carta política ao País e ao Partido Republicano. Rio de Janeiro, Imprensa Mont'Alverne, 1889. Reprod. em Silva Jardim. A Propaganda Republicana, 1888-1889: discursos, opúsculos, manifestos e artigos, coligidos, anotados e prefaciados por Barbosa Lima Sobrinho. Rio de Janeiro, Fund. Casa de Rui Barbosa/Conselho Federal de Cultura, 1978. O trecho tanocr. ocorre às pp 327-331).**